PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE BOA VISTA, RR: DO ORDENAMENTO À EXPANSÃO "DESORDENADA"

PRODUCTION OF THE URBAN SPACE OF BOA VISTA, RR: FROM PLANNING TO "DISORDERLY" EXPANSION

PRODUCCIÓN DEL ESPACIO URBANO DE BOA VISTA, RR: DE LA PLANIFICACIÓN A LA EXPANSIÓN "DESORDENADA"

HASSLER JOHNNY DE SALES
Universidade Federal de Roraima
Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR)
E-mail: hassler01sales@gmail.com

ISAAC ANDERSON DANTAS OLIVEIRA
Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR)
E-mail: isaacdantas40@gmail.com

LÚCIO KEURY ALMEIDA GALDINO
Prof. Dr. da Universidade Estadual de Roraima (UERR)
E-mail: lkagaldino@yahoo.com.br

Resumo:
O presente artigo traz um panorama histórico da produção do espaço urbano de Boa Vista, município brasileiro, capital do estado de Roraima, situado na região Norte do Brasil. Com auxílio do método Geo-histórico, pretende-se analisar a produção espacial desta cidade a partir de duas vertentes distintas, a gênese espontânea e induzida, bem como destacar o seu processo de expansão, a fim de compreender a sua atual conjuntura espacial. Em relação aos procedimentos metodológicos, utilizaram-se da revisão bibliográfica em livros, artigos, teses e dissertações que abordam sobre o tema e área de estudo. Deste modo, Boa Vista se apresenta como uma cidade planejada; mas, com o advento das migrações, o êxodo rural e a corrida pelo ouro, transformaram completamente sua realidade socioespacial, expandindo exponencialmente seu tecido urbano para o setor Oeste, para além do seu plano urbanístico. Em consequência dessa expansão, rapidamente novos bairros foram surgindo em terrenos irregulares, sem nenhuma infraestrutura. Assim, a cidade de Boa Vista segue se expandindo em um ritmo crescente para as zonas Oeste e Norte.

Palavras-chave: Boa Vista, Expansão urbana, Produção do espaço, Roraima.

Abstract:
This article presents a historical overview of the production of the urban space of Boa Vista, a Brazilian municipality, capital of the state of Roraima, located in the Northern region of Brazil. With the help of the Geo-historical method, it is intended to analyze the spatial production of this city from two distinct aspects, the spontaneous and induced genesis, as well as to highlight its expansion process, in order to understand its current spatial conjuncture. Regarding methodological procedures, we used the literature review in books, articles, theses and dissertations that address the theme and area of study. In this way, Boa Vista presents itself as a planned city; but with the advent of migrations, the rural exodus and the gold rush, they completely transformed their socio-spatial reality, exponentially expanding its urban fabric to the West sector, beyond its urban plan. As a result of this expansion, new neighborhoods quickly emerged on uneven land, with no infrastructure. Thus, the city of Boa Vista continues to expand at an increasing pace to the West and North zones.
Keywords: Boa Vista, Urban expansion, Space production, Roraima.

Resumen:
Este artículo presenta una visión histórica de la producción del espacio urbano de Boa Vista, un municipio brasileño, capital del estado de Roraima, ubicado en la región norte de Brasil. Con la ayuda del método geohistórico, se pretende analizar la producción espacial de esta ciudad desde dos aspectos distintos, la génesis espontánea e inducida, así como resaltar su proceso de expansión, con el fin de comprender su coyuntura espacial actual. En cuanto a los procedimientos metodológicos, se utilizó la revisión bibliográfica en libros, artículos, tesis y disertaciones que abordan el tema y el área de estudio. De esta manera, Boa Vista se presenta como una ciudad planificada; pero con el advenimiento de las migraciones, el éxodo rural y la fiebre del oro, transformaron por completo su realidad socio-espacial, expandiendo exponencialmente su tejido urbano hacia el sector Oeste, más allá de su plan urbano. Como resultado de esta expansión, rápidamente surgieron nuevos vecindarios en terrenos irregulares, sin infraestructura. Así, la ciudad de Boa Vista continúa expandiéndose a un ritmo creciente hacia las zonas Oeste y Norte.
Palabras-clave: Boa Vista, Expansión urbana, Producción espacial, Roraima.

Introdução

Este artigo tem como objetivo expor ao leitor a dinâmica da produção do espaço urbano de Boa Vista, levando em consideração os seus aspectos históricos. Diante disso, pretende-se analisar sua produção espacial a partir de duas vertentes distintas: gênese espontânea e gênese induzida, bem como destacar os agentes produtores do espaço, para entendermos o seu atual contexto urbano.

Boa Vista se apresenta no cerne de Roraima como um centro polarizador de ações de políticas e de serviços. Devido a essas condições, a cidade, levando em consideração os aspectos históricos de sua ocupação, concentra a maior parte da população do estado (VERAS, 2009). Apresentando-se, assim, como um espaço cheia de contrastes e contradições, onde a desigualdade socioespacial é visível, se compararmos a zona Leste e Oeste da capital.

Esse contraste urbano só é perceptível se observarmos o seu espaço intraurbano como um todo; assim podemos perceber duas realidades em um só espaço. Desta maneira, o planejamento urbano da cidade não acompanhou o rápido crescimento populacional, que Boa Vista sofreu a partir da década de 1980. Essa questão está intimamente relacionada à política de migração estabelecida nesse período, o *"boom"* do garimpo e o êxodo rural, que contribuíram de maneira efetiva para o aumento do seu contingente populacional (OLIVEIRA, 2008; VERAS, 2009).

Devido a essas condições, a capital de Roraima cresceu de maneira desordenada, expandindo o seu tecido urbano na direção Oeste. Novos bairros foram surgindo em áreas irregulares e, consequentemente, a precariedade infraestrutural tornou-se

eminente. Vale ressaltar que estes bairros formam, em grande parte, a zona Oeste da cidade, onde se concentra a maioria da população de menor renda mensal (OLIVEIRA, 2008; VERAS, 2009).

Considerando tais questões, este trabalho pauta-se no método Geo-histórico[1] (BRAUDEL, 1990), embasado no debate da Geografia histórica urbana (ABREU, 2000; 2003). Em relação aos procedimentos metodológicos, optou-se pela revisão bibliográfica, para a qual utilizaram-se livros, teses, dissertações e artigos que tratam sobre o tema e área de estudo.

Desta forma, este trabalho pretende entender a atual dinâmica organizacional da cidade de Boa Vista através de um estudo histórico e geográfico, buscando compreender as causas da desigualdade e diferenciação socioespacial, revelando as novas frentes de expansão urbana e os agentes produtores do espaço.

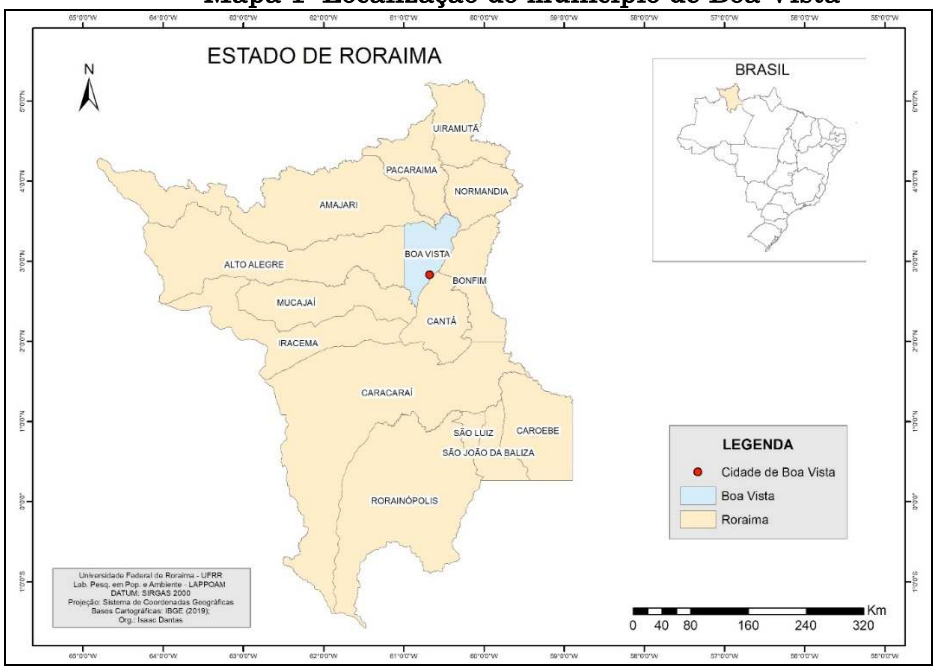
Cidade: gênese e produção do espaço urbano de Boa Vista – RR

A cidade de Boa Vista localiza-se no extremo-norte do Brasil, sendo a única capital acima da linha do Equador. Segundo estimativa do IBGE (2021), atualmente, o município possui uma população de 436.591 habitantes. Em relação ao último censo, realizado em 2010, a população registrada é de 284.313 habitantes. Deste modo, tem como limite os municípios de Normandia, Pacaraima e Amajari, ao Norte; Mucajaí e Alto Alegre, ao Sul; a

[1] É um ramo da Geografia Humana resultante da combinação de métodos de investigação e metodologias de duas ciências, Geografia e História (UZUÉ, 1995; PIRES, 2008 *apud* LIMA & AMORA, 2012).

Leste com Bonfim, Cantá e Normandia; e a Oeste com o município de Alto Alegre (Mapa 1), de acordo com IBGE (2010).

Mapa 1: Localização do município de Boa Vista



Fonte: IBGE (2019). Org. AUTORES (2021).

A população urbana de Boa Vista é de 97,00%, superando a média nacional, de 84,4% da população vivendo em áreas urbanas, de acordo com o IBGE (2010). Para entendermos todo esse processo de ocupação urbana da cidade, devemos nos remeter ao passado, à história da produção de seu espaço urbano, assim como sua gênese.

Descrever sobre a história da única capital brasileira que se encontra acima da Linha do Equador parece ser uma tarefa fácil, mas, pelo contrário, torna-se confusa, já que a história do próprio estado de Roraima se reflete na criação da capital (OLIVEIRA, 2008; SILVA, 2009). Nesse caso, a área do município de Boa Vista pode ser considerada a gênese de Roraima, já que nesses campos, ao

longo dos rios Branco, Tacutu e Uraricoera, instalaram-se as missões religiosas e militares de aldeamento indígena, assim como o Forte de São Joaquim e as primeiras Fazendas Nacionais e particulares (SILVA, 2009).

De acordo com Santos (2010), a história de Boa Vista está relacionada a uma sequência de acontecimentos, que retrata o seu perfil desde a fundação da fazenda que a originou[2]. Desta forma, quase sempre, o processo de formação do espaço urbano da referida cidade, guiando-se pelos processos históricos, vai se convergir com a formação do estado.

De acordo com Silva (2007), o município de Boa Vista recebe tal denominação em referência à paisagem que a circunda, pois esta foi aclamada por sua exuberante beleza, formada pelo rio Branco, pelos seus igarapés, pelas vegetações ribeirinhas e pelas praias que ali se formam, contempladas quando nesta localidade se estabeleceram os primeiros desbravadores.

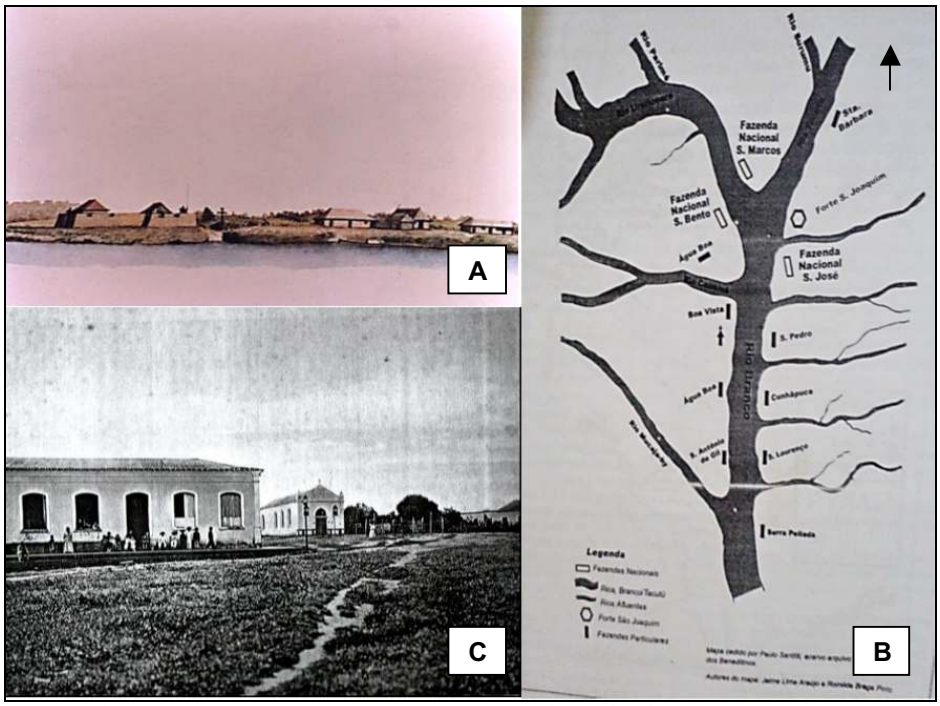
Em relação à atual conjuntura urbana de Boa Vista, devemos entender como se deu esse processo de ocupação deste espaço. Para isso, deve-se levar em consideração a sua gênese espacial, bem como faz-se necessário compreender a sua atual dinâmica urbana. Deste modo, a gênese desta cidade deve ser entendida a partir de duas vertentes distintas (SILVA, 2009).

A primeira, de acordo com Silva (2009), está relacionada à gênese espontânea de um lugar que se origina de uma complexidade de fatores determinantes, que atuaram ao logo dos séculos XVIII e XIX. Relacionam-se a essa vertente: a implantação

[2]Instalação da fazenda Boa Vista (1830) pelo capitão do forte Inácio Lopes de Magalhães, que deu origem à cidade de mesmo nome: Boa Vista (Silva, 2009).

do Forte São Joaquim, entre 1775 e 1778; a instalação dos aldeamentos indígenas planejados, ainda no século XVIII; a instalação das Fazendas Reais, São Bento, São José e São Marcos, também no final do século XVIII; a criação da Fazenda Boa Vista, em 1830 e a instalação da Freguesia de Nossa Senhora do Carmo, em 1858 (Figura 1).

Figura 1: a) Forte São Joaquim, Aquarela feita durante a expedição comandada por Alexandre Rodrigues Ferreira/Séc. XVIII; b) Croqui de representação das Fazendas Nacionais; c) Sede da fazenda Boa Vista e, ao lado, a igreja Matriz em 1905.



Fonte: a) Acervo Waldir Paixão apud Veras (2009); b) Araújo e Pinto (2008) apud Galdino (2017); c) Silva (2007).

Esses fatores proporcionam a gênese de um núcleo embrionário que se tornaria mais tarde sede municipal, em 1890, ainda como parte do estado do Amazonas. Essas são as

determinantes que condicionam a perspectiva de gênese espontânea de Boa Vista (SILVA, 2009).

A outra vertente refere-se à gênese induzida, que, de acordo com Silva (2009), acontece a partir da implantação do projeto urbanístico elaborado por Darcy Aleixo Derenusson, entre 1944 e 1950, ao lado do núcleo embrionário. A proposta do projeto era que Boa Vista tivesse um traçado de integração urbana, isto é, radial concêntrica, em que a praça circular reunisse os três poderes, executivo, legislativo e judiciário. O referido projeto foi idealizado após a criação do Território Federal do Rio Branco, em 1943, pelo então governador Ene Garcez, e implantado com o objetivo de que a cidade pudesse sediar o governo territorial.

De acordo com Oliveira (2008), a partir da implantação do plano urbanístico, Boa Vista cresce "de costas para o rio", fato que representa uma contradição, se observarmos que a capital de Roraima, de acordo com Trindade Júnior (2003) citado por Oliveira (2008), era uma cidade essencialmente ribeirinha, pois as práticas interativas e o próprio modo de vida estavam intimamente ligados ao rio. Ainda assim, o seu traçado urbano se expande para além das margens do rio Branco, ou como sugere o autor, "de costas para o rio".

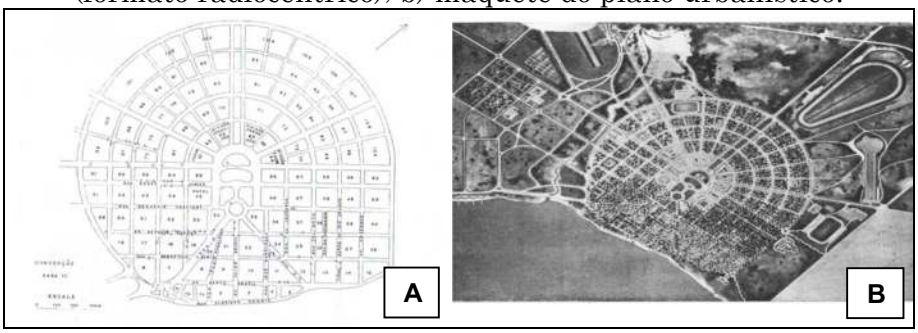
Para Veras (2010), o plano urbanístico propiciou a diferenciação do espaço urbano já naquele período, pois criou um acesso seletivo e desigual das pessoas, visto que só contemplava o núcleo embrionário e a área delimitada no projeto, e não a cidade como um todo. Nesse sentido, Veras (2010, p. 14), afirma que:

> O Plano Urbanístico passou a incorporar novos ritmos de organização espacial devido ao caráter concentrador e pelo fato dos arranjos espaciais

> que definiam a cidade na época estarem ligados a ações políticas isoladas, que, por sua vez, eram seletivas e acentuavam as desigualdades, criando diferenciações socioespaciais intraurbanas e formação de territórios precários, que até hoje são presenciados (VERAS, 2010, p.14).

Ademais, convém ressaltar que essa estrutura radiocêntrica do projeto implantado em Boa Vista (Figura 2), privilegia um único centro; favorecendo, portanto, uma centralização para a qual tudo converge, polarizando praticamente todas as atividades urbanas, administrativas e comerciais (SILVA, 2007).

Figura 2: Planejamento urbano de Boa Vista. a) plano urbanístico (formato radiocêntrico); b) maquete do plano urbanístico.



Fonte: a) Guerra (1957) *apud* Silva (2007); b) Veras, 2009.

O desenvolvimento urbano da capital de Roraima, em um primeiro momento após a implantação do plano urbanístico, foi caracterizado por um crescimento lento (CUNHA, 2016). O autor citado se embasa em Vale (2014), para afirmar que esse período foi de uma lenta evolução urbana, porém gradativa, que vai até o final dos anos de1960.

De acordo com Cunha (2016), a expansão urbana de Boa Vista se apresenta mais densa a partir da década de 1970, uma vez que os principais fatores que condicionaram esse advento foram

aqueles representados pelos programas implementados pelo governo federal para este território, pois havia o propósito de ocupar a região, cuja retórica ressaltava a "Segurança Nacional".

Com uma proposta de ocupar e integrar a Amazônia ao restante do país, o governo criou planos de desenvolvimento, nos quais propunha a criação de assentamentos agrícolas e a implantação de infraestruturas, bem como abertura de rodovias na região amazônica. Com isso, houve a implementação da rodovia BR - 174, que liga Boa Vista a Manaus, integrando Roraima, por via terrestre, ao restante do país. Com a instalação de tais infraestruturas, há o surgimento de pequenos núcleos urbanos ao longo das rodovias que foram construídas (CUNHA, 2016).

Cabe mencionar que, essa nova etapa de crescimento do principal centro urbano roraimense (a partir da década de 1970) tem como principal condicionante a abertura das rodovias federais, BRs -174, 401 e 210, que viriam a consolidar uma integração da capital com outras regiões do país, bem como aos países fronteiriços, Venezuela e República Cooperativista da Guiana (CUNHA, 2016).

É nesse período que a evolução urbana de Boa Vista imprime um ritmo de expansão mais acelerado, começando a expandir seu tecido para direção Oeste. Nesta fase, a cidade deixa de ter um crescimento lento e progressivo, surgindo novos conjuntos habitacionais, para dar assistência à vinda de funcionários do setor administrativo (VALE, 2007).

Em razão do exposto, pode-se perceber que a expansão urbana, até década de 1980, é caracterizada por uma ocupação implementada pelo Governo (VALE, 2007, 2014). A autora afirma

que essas ações estão baseadas na implantação de vários conjuntos habitacionais na cidade, sobretudo na zona Oeste, na qual a intenção era atender a uma demanda habitacional ocasionada pelo aumento do fluxo migratório nesse período.

Entretanto, foi a partir da década de 1980 que houve um maior fluxo migratório em Roraima, fato este que, anos mais tarde, mudaria completamente a dinâmica urbana da capital. Esse fenômeno foi motivado pela atividade da mineração, a chamada "corrida do ouro" (OLIVEIRA, 2008; SILVA, 2009, CUNHA, 2016).

Outro ponto a ser ressaltado, neste processo de ocupação, foi a elevação de Roraima à categoria de estado em 1988. Fato este que contribuiu para o aumento da população urbana de Boa Vista (Tabela 1), pois houve uma política de incentivo à migração, implementada pelo governo na época. Com base no assistencialismo, o governo doava lotes rurais e urbanos — em áreas de preservação permanente, APPs — para a população recém-chegada de outros estados, principalmente das regiões Nordeste e Centro-Sul (VERAS, 2009; SILVA, 2009).

Tabela 1: Evolução populacional de Boa Vista - RR

Evolução Populacional de Boa Vista – RR (1940 a 2010)		
Ano	Pop. Urbana	Pop. Rural
1940	1.398	9.111
1950	5.132	12.115
1960	11.581	14.124
1970	16.868	19.596
1980	43.854	23.163
1991	120.157	24.092

1996	150.442	15.076
2000	197.098	3.470
2007	246.156	3.697
2010	277.799	6.514
População total: 284.213		

Fonte: IPEA/IBGE, frequência decenal de 1940 a 2010.

Podemos associar tais dados ao estudo de Oliveira (2008) que, com base em dados do IBGE, retrata o aumento populacional em Boa Vista no período em que ocorreu a corrida do ouro, e suas consequências relacionadas ao uso e ocupação do solo urbano.

> Verificamos que entre 1987 e 1990, foi registrado o maior fluxo migratório em Boa Vista, estimulada pela busca do ouro nos garimpos de Roraima a população quase dobrou o número de habitantes — de 72.758 em 1987 para 115.247 em 1990, segundo os dados do IBGE/RR. O crescimento em comento vai suscitar no surgimento de diversos bairros, notadamente ausentes de infra-estrutura (*sic*) mínima para sua existência (OLIVEIRA, 2008, p. 98).

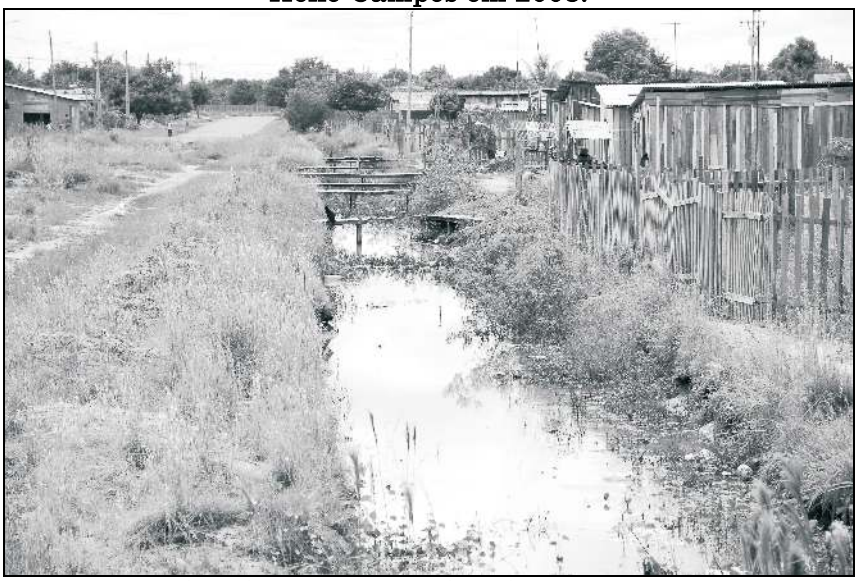
Deste modo, tem-se uma expansão da cidade para o setor Oeste, aonde notadamente vão surgindo bairros sem nenhuma infraestrutura urbanística. Outro fenômeno, que consolida essa expansão urbana para a zona Oeste, ocorreu a partir da década de 1990, e diz respeito às migrações inter-regionais, bem como a intensificação da migração intrarregional, fenômeno este marcado pelo êxodo rural no cerne do estado de Roraima (OLIVEIRA, 2008). Cabe, pois, observar, que houve um descaso com o pequeno produtor, numa situação em que os assentados não permaneciam por muito tempo em seus lotes por falta de logística do Estado, tendo como consequência a migração dessa população para a capital (VERAS 2009).

Junto à população dos assentamentos rurais, destacamos, também, os garimpeiros, nesse processo de ocupação da zona Oeste da cidade. Em razão da proibição da atividade garimpeira pelo governo Collor, houve uma estagnação na economia local. Por isso, muitos garimpeiros foram para Boa Vista, pois não tinham mais o direito de garimpar (SILVA, 2009).

Portanto, com a desativação do garimpo e o êxodo rural (falência dos projetos de assentamentos rurais), houve uma expansão "desordenada" do espaço urbano da capital (STAEVIE, 2011). Pois, ao chegarem à cidade, as pessoas não tinham onde morar. Então, a única alternativa foi ocupar irregularmente terrenos insalubres. Assim, segundo Veras (2009), pelo processo de autoconstrução foi se concretizando uma "periferia" na então cidade, impulsionada pelo estado e pelos proprietários de terras (latifundiários), deste modo, se constituindo uma segregação socioespacial, sendo que a própria paisagem é a maior denunciadora deste processo (Figura 3).

Nesse período ocorre um processo de "favelização" na periferia de Boa vista, como menciona Vera (2009) e Silva (2009). Neste sentido, bairros surgiram em poucos dias, sem nenhuma estrutura; neste caso, sem energia elétrica, água encanada e pavimentação. Estes bairros formam, hoje, em sua grande maioria, a zona Oeste da capital, onde se concentra a maioria da população de menor renda mensal. Conclui-se, assim, que a cidade cresceu sem se desenvolver, ou seja, ampliou suas dimensões, mas de maneira precária, concentrando as amenidades e os equipamentos urbanos no centro e nos bairros mais próximos (OLIVEIRA, 2008).

Figura 3: Uma das ruas do Conjunto Cidadão, Bairro Senador Hélio Campos em 2008.



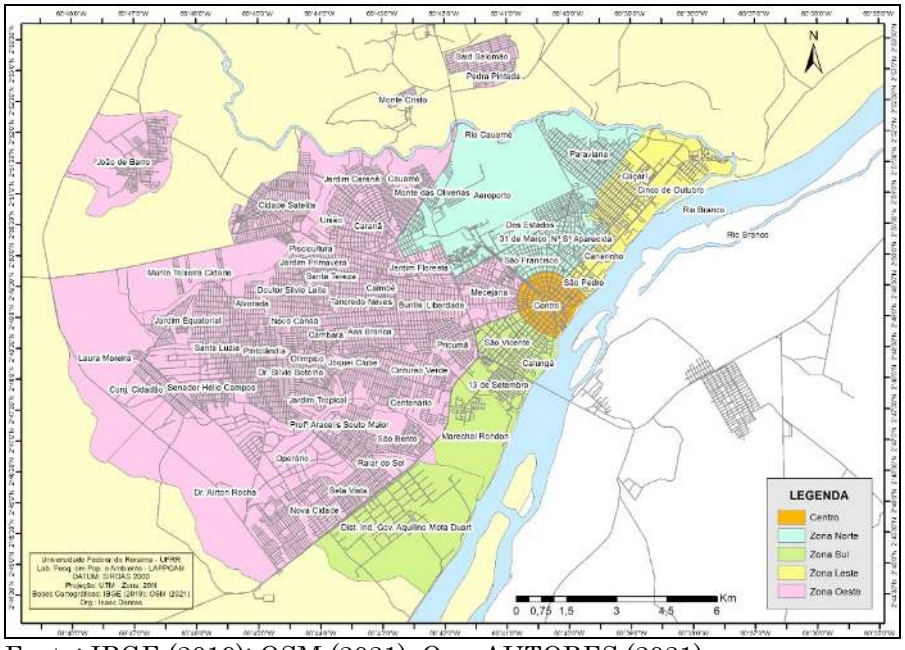
Fonte: Caleffi (2008) *apud* Oliveira (2008).

Desta maneira, a desigualdade socioespacial é perceptível quando observamos a cidade em sua totalidade. Fato este, que é fruto da disfunção da política urbana, a qual beneficiou apenas uma parte da cidade. Neste caso, podemos mencionar a zona Leste, que apresenta em seu traçado urbano um sistema de engenharias, como rede de esgoto, ruas pavimentadas, calçamento, praças etc. Já a zona Oeste, é desprovida, em grande parte, de equipamentos urbanos, carecendo desses mesmos sistemas de engenharias (VERAS, 2007, 2016).

A cidade de Boa Vista, de acordo com o plano diretor de 1991, está dividida em quatro zonas, sendo estas: Norte, Sul, Leste e Oeste. No decorrer de sua dinâmica de crescimento, alcançou a marca de 56 bairros, cuja configuração espacial, com base no último levantamento realizado pelo IBGE (2010), pode ser observada no Mapa 2 e no Quadro 1.

Há de se ressaltar a inclusão de duas novas áreas de ocupação populacional, o bairro Pedra Pintada e o João de Barro. Essas são duas áreas de interesse social, sendo o segundo uma Área Urbana de Expansão — AUE. O bairro Pedra Pintada é um assentamento informal que passa por um processo de regularização fundiária e ambiental para obtenção da aprovação do loteamento pelo Conselho Imobiliário Municipal. Já o João de Barro é outra área de ocupação informal e irregular, que não tem a aprovação do município, pois não atende à Lei de Parcelamento do Solo. Por isso, a ausência de uma infraestrutura mínima que atenda aos interesses sociais.

Mapa 2: Zoneamento urbano da cidade de Boa Vista



Fonte: IBGE (2019); OSM (2021). Org. AUTORES (2021).

Outro aspecto que chama atenção no espaço urbano de Boa Vista diz respeito à distribuição dos bairros por zonas urbanas, onde se revela a zona Oeste como a maior densidade ocupacional,

cujo número de bairros, em percentual, é de aproximadamente 70% da cidade. As demais zonas urbanas apresentam densidade ocupacional baixa em relação a esta (CUNHA, 2016).

Desta forma, além do Centro, a cidade tem: 39 bairros na zona Oeste, seguido de 6 da zona Norte, 5 na zona Sul e 4 da zona Leste, conforme podemos observar no quadro seguir.

Quadro 1: Bairros de Boa Vista por zona urbana

ZONAS	BAIRROS	Nº
Centro	*Bairro: Centro*	1
Zona Norte	Bairros: Aeroporto, Paraviana, 31 de Março, São Francisco, dos Estados e Nossa Senhora Aparecida.	6
Zona Sul	Bairros: Calungá, São Vicente, 13 de Setembro, Marechal Rondon e Governador Aquilino Mota Duarte.	5
Zona Leste	Bairros: Caçari, Canarinho, 5 de Outubro e São Pedro.	4
Zona Oeste	Tancredo Neves, Jóquei Clube, Silvio Leite, Caimbé, Cambará, Nova Canaã, Caranã, Centenário, Jardim Primavera, Santa Tereza, Alvora, Cauamé, Pintolândia, Equatorial, Nova Cidade, Jardim Caranã, Silvio Botelho, Santa Luzia, Laura Moreira, União, Operário, Raiar do Sol, Hélio Campos, Cinturão Verde, Bela Vista, Araceli S. Maior, Jardim Tropical, Olímpico, Conjunto Cidadão, Cidade Satélite, Mecejana, Liberdade, Jardim Floresta, Pricumã, Buritis, São Bento, Dr. Airton Rocha, Murilo Teixeira Cidade, Said Salomão e Asa Branca.	40
Total		**56**

Fonte: IBGE (2010) e Cunha (2016).

Como mencionamos anteriormente, a zona Oeste concentra grande parte da população, a maioria de baixa renda, onde a carência por equipamentos urbanos é eminente. Em contradição a isso, a cidade apresenta a zona Leste, onde reside a população de

alto poder aquisitivo. Desta forma, esta população vai se instalar nesta zona, pois possui e concentra maiores possibilidades de equipamentos públicos ou privados, tais como escolas, centros comerciais, parques, rede de esgoto, pavimentação de ruas, áreas para lazer, entre outros benefícios (SILVA, ALMEIDA, ROCHA, 2012).

Assim, a cidade de Boa Vista se apresenta como um espaço desigual, tanto no sentido da distribuição de seus equipamentos urbanos, como nas questões de segregação residencial, e ainda na diferenciação do preço do solo urbano. Sobre essa questão, Veras (2010, p. 7) afirma que:

> O espaço urbano de Boa Vista tem sido, no decorrer dos tempos, destinado a cumprir funções especificas que mudam de acordo com as necessidades e interesses de organizações sociais e políticas das classes dominantes que se revezam no poder. Diante dessa perspectiva, a cidade, inacabada e em transformação, é resultante de intervenções reguladas por diferentes agentes promotores do espaço urbano (VERAS, 2010, p. 7).

Desta maneira, o processo de produção do espaço urbano de Boa Vista está relacionado à formação histórica e as ações políticas, econômicas e sociais traçadas por diferentes agentes produtores do espaço urbano[3], definindo ações e interesses, que resultaram numa diferenciação espacial interna, resultando numa acumulação desigual de tempos em um só espaço (VERAS 2016).

Desta forma, a capital de Roraima segue se expandindo em um ritmo crescente para as zonas Oeste e Norte, em uma ação impulsionada pelo Estado, agentes imobiliários e grupos

[3] De acordo com Corrêa (1989), os agentes produtores do espaço urbano são: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos.

socialmente excluídos. Diante disso, conforme Veras (2009), entende-se que a produção do espaço urbano de Boa Vista se constitui de um processo seletivo de acessibilidade à cidade, acentuando a diferenciação do espaço e contribuindo para a precarização das condições de vida de significativas parcelas da população urbana.

Considerações finais

A proposta deste artigo foi abordar a produção do espaço urbano de Boa Vista dentro de uma perspectiva Geo-histórica, tratando cronologicamente das ações que promoveram a produção desse espaço e suas especificidades. Diante disso, buscou-se compreender a gênese e os processos de produção do espaço urbano para entender a atual dinâmica e organização desta cidade.

Boa Vista apresenta espaços diferenciados em sua totalidade, estes em função dos tipos de agentes produtores agindo em determinadas áreas da *urbe,* produzindo espaços desiguais. Esta diferenciação, fruto da desigualdade espacial, está delineada entre a zona Leste e Oeste. A primeira concentra, em grande parte, os equipamentos urbanos da cidade. A segunda é desprovida, em quantidade, de equipamentos urbanos e de um sistema de engenharias sólido.

Em relação aos equipamentos urbanos na zona Oeste, Veras (2009) afirma que são históricas as razões que contribuem para a falta de espaços destinados ao lazer nesta região, pois grande parte da população da periferia ocupa áreas de preservação permanente — APPs. Devido à política de migração criada a partir de 1980, articulada pelo governador na época, a vinda de pessoas de

outras regiões contribuiu para essas ocupações, doando-se aos novos moradores lotes nas áreas desprovidas de infraestrutura, observando- se que, naquele período, a dinâmica urbana já se fixava no centro da cidade.

Outra questão importante que contribui para essa diferenciação socioespacial, é que o poder público local não estava preparado para esse rápido processo de expansão da cidade. Por este motivo, não houve a possibilidade de se planejar, ordenar e zonear adequadamente o espaço urbano de Boa Vista.

Dentro dessa perspectiva de produção do espaço, os principais agentes promotores do espaço urbano de Boa Vista estão bem visíveis na paisagem. Deste modo, citam-se os grupos sociais excluídos, os promotores imobiliários e, principalmente, o Estado. Estes são os responsáveis pela produção e organização da cidade de Boa Vista, que ainda hoje segue se expandindo nas direções Norte e Oeste.

Portanto, o estudo traz um panorama da produção do espaço urbano da capital do estado de Roraima, adotando como foco suas espacialidades e temporalidades. Deste modo, faz-se necessários estudos que abordem com mais detalhes as especificidades desta cidade, levando em consideração os novos fenômenos urbanos presentes nesse espaço. Citamos, por fim, alguns exemplos de possíveis temas para futuros estudos: as especulações imobiliárias; processos de gentrificação e qualificação no/do centro da cidade, a inserção de *shopping centers;* a segregação induzida (conjuntos habitacionais) e espontânea (implantação de condomínios horizontais fechados) vista nitidamente da zona Oeste;

bem como a caracterização daqueles que são os responsáveis pela dinâmica de (re)produção desigual desta cidade.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. **GEOUSP Espaço e Tempo**, v. 4, n. 1, 2000, p. 13 – 25.

_____. Cidades: espacialidades e temporalidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). **Dilemas urbanos**: Novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003.

BRAUDEL, Fernand. **Histoire et sciences sociales**. Paris: Editions Flamarion, 1990.

CUNHA, Valmir Pereira da. **A (re)produção como forma de valorização do espaço urbano em Boa Vista-RR:** um estudo no Bairro Aeroporto e entorno no período de 2000 a 2015. Dissertação (mestrado) – programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal de Roraima, 2016.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

GALDINO, Lúcio Keury Almeida. **Sociedade, política, cultura e meio ambiente**: subsídios ao planejamento socioambiental à comunidade indígena Boca da Mata, na Terra Indígena São Marcos – Roraima. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2017. 204 f.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, censo 2010. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/. Acesso em: 8 set. 2021.

_____. **Agência IBGE notícias**, 2010. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br. Acesso em: 8 set.2021.

_____. **Sinopse do censo de 2010**. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=14. Acesso em: 5 mar. 2019.

IPEA. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Disponível em: http://www.ipeadata.gov.br. acesso em: 14 maio 2021.

LIMA, Átila de Menezes; AMORA, Zenilde Baima. Debates Acerca da Geografia Histórica e da Geo-História: Elementos para a Análise Espaço-Temporal. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, v. 2, n.2, 2012. p. 51-72.

OLIVEIRA, Rafael da Silva. Do rio ao traçado urbano, e novamente ao rio: alguns apontamentos para pensar a cidade de Boa Vista/RR. **Revista ACTA Geográfica**, ANO II, n 3, jan./jun. de 2008. p. 93-106.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA. **Plano Diretor de Boa Vista**. Boa Vista: 1991.

SANTOS, Odair J. **Roraima** – História Geral. Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2010.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. **Dinâmica territorial urbana em Roraima - Brasil.** Tese (Doutorado em Geografia – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. 329 f.

_____. Boa vista: gênese espontânea e gênese induzida. **Revista ACTA Geográfica**, ano III, n 5, jan./jun. de 2009. p. 63-71.

_____; ALMEDA. Marcelo Mendes; ROCHA. Rafael Alexandre. As novas formas do tecido Urbano de Boa Vista- Roraima. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, v.6, n.12, mai./ago. de 2012. p. 97-107.

STAEVIE, Pedro Marcelo. Expansão urbana e exclusão social em Boa Vista – Roraima. **Oculum Ensaios:** revista de arquitetura e urbanismo, Campinas, n. 13, 2011, p. 68-87.

VALE, Ana Lia Farias. **Migração e Territorialização:** As Dimensões Territoriais dos Nordestinos em Boa Vista / RR. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, São Paulo, 2007. 268f.

_____. **Nordeste em Roraima: migração e territorialização de nordestinos em Boa Vista.** Boa Vista: Editora da UFRR, 2014.

VERAS, Antonio Tolrino de Rezende**. A produção do espaço urbano de Boa Vista-Roraima – Brasil**. 2009. Tese de (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. **A cidade de Boa Vista no contexto urbano roraimense**. Boa Vista: UFRR, 2010. (Material de apoio didático ao minicurso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência Norte).

_____. Produção e reprodução do espaço urbano de Boa Vista-RR. In: HOLANDA, Elizete Celestino; BEZERRA NETA, Luiza Câmara (Org.). **Geociências na Pan-Amazônia**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016, p. 181-202.

Submetido em: 30 de agosto de 2021.

Devolvido para revisão em: 21 de dezembro de 2021.

Aprovado em: 09 de fevereiro de 2022.

Como citar este artigo

SALES, H. J. *et al.* Produção do espaço urbano de Boa Vista, RR: do ordenamento à expansão "desordenada". **Terra Livre,** v. 1, n. 56, p. 440-461, Jan.-Jun./202